

# Orquestra Gulbenkian

Nuno Coelho  
Bertrand Chamayou



GULBENKIAN  
MÚSICA

26 set 2019

# Oriente — Ocidente

26 SETEMBRO  
QUINTA  
21:00 — Grande Auditório

## Orquestra Gulbenkian Nuno Coelho Maestro Bertrand Chamayou Piano

### Benjamin Attahir

Compositor em Residência  
Gulbenkian Música 2019

#### 26 set

*Al Fajr*,  
para piano e orquestra

#### 24 + 25 out

*Je / suis / Ju / dith*,  
para violino e soprano

#### 07 + 08 de nov

*Adh Dhohr*, concerto  
para serpentão e orquestra

### Wolfgang Amadeus Mozart

Sinfonia n.º 33, em Si bemol maior, K. 319

*Allegro assai*  
*Andante moderato*  
*Menuetto*  
*Finale: Allegro assai*

### Benjamin Attahir

*Al Fajr*, para piano e orquestra\*

INTERVALO

### Wolfgang Amadeus Mozart

Concerto para Piano e Orquestra n.º 22,  
em Mi bemol maior, K. 482

*Allegro*  
*Andante*  
*Rondo: Allegro*

IMAGEM DE CAPA: BERTRAND CHAMAYOU © MARCO BORGGREVE

MECENAS  
MÚSICA E NATUREZA

THE  
NAVIGATOR  
COMPANY

MECENAS  
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRAS

VIA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS  
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA  
CASA  
Museu de Lisboa, For Your Cause

MECENAS  
CICLO PIANO

pwc

MECENAS PRINCIPAL  
GULBENKIAN MÚSICA

BPI

\* Estreia em Portugal  
Este concerto é gravado pela RTP – Antena 2

Duração total prevista: c. 2h  
Intervalo de 20 min.

# Wolfgang Amadeus Mozart

## Sinfonia n.º 33, em Si bemol maior, K. 319

COMPOSIÇÃO: 1779  
DURAÇÃO: c. 22 min.

Datada de julho de 1779, a Sinfonia n.º 33 é a segunda sinfonia que Mozart compõe no seu regresso a Salzburgo, depois de uma digressão de 16 meses pela Europa que o levariam a passar por vários centros artísticos da época, em particular pelas cidades de Munique, Mannheim e Paris. Esta sua campanha europeia acabaria por se revelar, profissionalmente, pouco feliz, uma vez que o compositor não conseguira alcançar uma posição de destaque e bem remunerada, como era sua intenção. Embora com alguns êxitos junto do público parisiense, como foi o caso da Sinfonia n.º 31, *Paris*, a sua passagem pela capital francesa terá sido desanimadora e infeliz. As cartas da altura enviadas pelo compositor ao seu pai, Leopold, mostram um Mozart que não se identificava com a música francesa, desapontado por encomendas de obras que não tinham sido pagas e altamente fragilizado pela morte da sua mãe, que adoeceu durante este período de digressão. Certamente que a Sinfonia n.º 33 foi composta para alguma ocasião específica, tal como a maioria das obras do compositor. Porém, desconhece-se o local exato e a data de estreia desta obra. Sabemos que, à data da sua estreia, Mozart havia composto apenas três andamentos – o *Menuetto* terá sido acrescentado em 1783, em Viena, quando o compositor já se encontrava a viver na capital austríaca. O primeiro andamento tem início ao estilo de uma abertura de ópera Italiana. Ao *forte* inicial, segue-se um desfile de colcheias e pausas de colcheias que,

Salzburgo, 27 de janeiro de 1756  
Viena, 5 de dezembro de 1791



W.A. MOZART, POR GIUSEPPE CASANOVA (1786-1796) © DR

desde logo, definem a elegância que está presente em todo este andamento. O início da secção de desenvolvimento é um teste para os amantes de Mozart, pois aqui encontramos o tema principal do último andamento da sua Sinfonia n.º 41, *Júpiter*. Na verdade, estamos perante um dos temas favoritos de Mozart, que aparece pela primeira vez no “Credo” da sua Missa em Fá maior, K. 192, que o compositor compôs no final da adolescência (não se trata de um tema original, Mozart retirou o tema de uma fonte antiga, um canto gregoriano.) Como se de uma brincadeira de criança se tratasse, Mozart introduz dois contratemas, tornando a secção de desenvolvimento bastante complexa e elevando-a a um clímax enfatizado por agitadas figuras de tercina em toda a secção de violinos. A excitação desaparece rapidamente, levando a uma reafirmação do início do andamento, mas desta vez o material da exposição é expandido com recurso a mudanças harmónicas que conduzem à coda final. Cabe às cordas expor o primeiro tema do segundo andamento. A tonalidade de

Dó menor, com que começa o segundo tema, cria alguns instantes de melancolia, rapidamente dissipados pelo retorno do modo maior. Segue-se um contraponto em que entram primeiro os violinos, depois os baixos e, por fim, os sopros, antes mesmo da repetição do segundo tema, mas desta vez na tonalidade principal de Mi bemol, o que nos conduz ao final do andamento com a mesma serenidade do início. O *Menuetto*, embora muito breve, é preenchido de um certo brilho instrumental, marcado sobretudo pelo tema que circula entre os oboés e as trompas. O mesmo tema é igualmente usado no *Trio*, mas de uma forma mais lírica. O último andamento é igualmente repleto de ideias frescas, embora sutilmente ligadas ao primeiro andamento. Talvez o elo mais marcante seja o ritmo de tercinas, usado no clímax do primeiro andamento, mas que agora está na base do tema principal. A semelhança com o tema do quarto andamento da Sinfonia n.º 8 de Beethoven é tão próxima, e a admiração que Beethoven sentia por Mozart era tão grande, que se torna difícil imaginar que ele não conhecesse esta Sinfonia n.º 33. A descrição do desenvolvimento é breve, talvez devido à abundância de temas contrastantes. A conclusão é rápida e brilhante, transbordando animação e vitalidade. Não há dúvida que estamos perante uma obra equilibrada e de um otimismo contagiante, não havendo lugar a um único traço de superficialidade.

## Concerto para Piano e Orquestra n.º 22, em Mi bemol maior, K. 482

COMPOSIÇÃO: 1785  
DURAÇÃO: c. 35 min.

Quando Mozart se estabeleceu em Viena em 1781, fê-lo na esperança de fortalecer o seu nome e estatuto enquanto compositor e pianista. A interseção óbvia destas duas faculdades de Mozart ocorre na composição

de concertos para piano, que, na maioria dos casos, usou para destacar os seus próprios talentos pianísticos. Com a sua chegada a Viena, uma parte substancial do seu sustento financeiro dependia de tais peças, mas agora a um nível que não tinha antes, pois à medida que aumentava a sua fama como intérprete, era igualmente obrigado a aumentar a sua produção de concertos para piano. Ao longo de 1785, ano em que começa a composição de *As bodas de Figaro*, Mozart termina três concertos para piano, entre eles o Concerto n.º 22, em Mi bemol maior. Exatamente por razões financeiras, Mozart decide fazer três atuações em finais de dezembro, e é por ocasião de uma dessas atuações que compõe propositadamente este concerto para piano, terminado a 16 de dezembro e estreado a 23. Com uma rica mistura de cores proporcionada pelos instrumentos de sopro, este foi o primeiro dos concertos para piano em que Mozart incluiu clarinetes na sua orquestração, algo que terá deixado o compositor muito satisfeito com o resultado. No geral, esta é uma obra particularmente elegante, cheia de ornamentos e em certos momentos com uma escrita complicada para o solista. Não é possível expressar preferência por um determinado andamento desta obra em relação a outro, já que cada um oferece uma alegria abundante e única. No entanto, o segundo andamento, certamente pelo conjunto melancólico e expressivo das suas variações em Dó menor, parece ter tocado de forma mais profunda os primeiros ouvintes desta obra. Em janeiro de 1786, o pai de Mozart, Leopold, escreveu à sua filha (irmã do compositor), dizendo: “Nannerl, para transmitir este relato: recebi uma resposta do seu irmão na qual ele diz que deu, sem grande preparação, três concertos por subscrição a 120 subscritores, que compôs para este propósito um novo concerto em mi bemol, no qual (uma ocorrência algo invulgar!) ele teve de repetir o *Andante*.”

ÉLIO ANES LEAL

# Benjamin Attahir

Toulouse, 25 de fevereiro de 1989

## *Al Fajr*, para piano e orquestra

COMPOSIÇÃO: 2017

ESTREIA: Berlim, 15 de setembro de 2017

DURAÇÃO: c. 30 min.

Pouco depois de ter começado a estudar canto coral e violino no Conservatório de Toulouse, Benjamin Attahir descobriu muito cedo a sua paixão pela composição: “Tive a oportunidade de integrar a formação do coro infantil do Teatro do Capitólio de Toulouse. Ainda muito jovem, envolvi-me com o mundo da cena, da ópera e da orquestra e, a partir dos 13 anos, tudo isso me impulsionou a compor”, disse em entrevista. Foi aluno de François Zygel e de Édith Canat de Chizy no Conservatório Regional de Paris e posteriormente viria a ter como mestres Marc-André Dalbavie e Gérard Pesson, tendo efetuado estudos superiores de composição, análise, orquestração e direção de orquestra no Conservatório Nacional Superior de Paris. Em 2011, 2012 e 2013 trabalhou com Pierre Boulez na Academia do Festival de Lucerna, no quadro de um programa de formação em composição para orquestra dirigido a jovens compositores. Depois de uma primeira encomenda da Radio France, em 2009, outros convites surgiram, bem como a conquista de importantes prémios de composição como o prémio do concurso USA IHC de Bloomington (2013), o Prémio Salabert da SACEM (2016) e dois prémios da Académie des Beaux-Arts (2014 e 2016). Aos 26 anos foi premiado no Concurso Internacional de Harpa dos E.U.A. com a peça *De l'obscurité II*, para harpa solo (2012). O Concurso Internacional Boulogne-Billancourt atribuiu-lhe o 1.º prémio pela peça para cravo *La Capricieuse* (2014). Em 2012 e 2015 estreou e dirigiu as suas duas primeiras óperas,

definindo o domínio cénico como a coluna vertebral da sua escrita musical. Filho de mãe libanesa, pintora e antiga aluna de belas-artistas em Beirute, Attahir situa o foco da sua inspiração a meio-caminho entre Oriente e Ocidente. Segundo as palavras do compositor: “...graças à diversidade de influências que se cruzam nas minhas origens e nos locais onde vivi, sinto-me no centro de uma encruzilhada entre pessoas e crenças. Da mesma forma, a minha música pode também ser um ponto de encontro de culturas (Occidental e Oriental), bem como de religiões.”

A peça *Al Fajr*, que significa “A Alvorada” em árabe, foi escrita para a Boulez Saal de Berlim, a convite da Fundação Daniel Barenboim. É também a primeira parte de um ciclo simbolicamente baseado nos horários de *Salah*, as orações do dia muçulmano. O ciclo é composto pelas seguintes composições: *Al Fajr*, para piano e orquestra; *Adh Dhohr*, para serpentão e orquestra, *Al 'Asr*, para quarteto de cordas; *Al Maghrib*, para violino e orquestra e *Al 'Icha*, para grande orquestra. *Al Fajr* é inspirada no primeiro momento de oração do dia, o apelo e canto matinal que, progressivamente, desperta a cidade adormecida. Attahir faz uma interpretação poética e musical muito pessoal deste momento: “O canto declamatório, enunciado no piano, vai aos poucos convidando o conjunto orquestral a segui-lo e a juntar-se-lhe. A composição da orquestra é igual



BENJAMIN ATTAHIR © SALABERT - JULIAN HARGREAVES

à utilizada por Mozart no seu Concerto para Piano e Orquestra n.º 22, em Mi bemol maior.”. Ainda segundo o autor, “a trajetória global da peça é portanto concebida em função do seguinte modelo: polifónico > responsorial > heterofónico > homofónico. Conclui-se num episódio fora do tempo, como uma elevação dirigida ao imaterial, ao espiritual. Este final não é mais do que o início de uma outra peça, *Adh Dhohr* (oração do meio-dia). *Al Fajr* está construída sobre alguns elementos musicais extremamente simples e concisos, o que me permitiu criar um mundo que, embora fechado, evolui permanentemente. O ouvinte poderá

reconhecer com muita facilidade um motivo tirado do folclore hebraico da Europa de Leste, um carrilhão de inspiração gregoriana, um acorde obsessivo e omnipresente, uma progressão rítmica encantatória (como uma escanção ao longe, no horizonte), bem como um motivo giratório de caráter imaterial, mas contudo obsidiante. Tudo isto enquadrado no espectro de uma estética inspirada pela monodia ornamentada do médio-oriente, muito melódica e que mergulha as suas raízes numa vocalidade original.”

MIGUEL MARTINS RIBEIRO

## Nuno Coelho

Maestro



© ELMER DE HAAS

Vencedor do Concurso Internacional de Direção de Orquestra de Cadaqués em 2017, Nuno Coelho é atualmente Maestro Convidado da Orquestra Gulbenkian. Para além dos concertos em Portugal, em Espanha, no Japão, na China e na América Latina, ao longo da temporada 2019-20 irá estreiar-se à frente da Royal Liverpool Philharmonic, da Orquestra Nacional de Lille, da Sinfónica de Stavanger, da Sinfónica de Hamburgo e da Dresden Philharmonie. Na temporada passada destacam-se as atuações com a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Filarmónica da BBC, a Sinfónica da Galiza, a Sinfónica de Castela e Leão, a Orquestra do Teatro Regio de Turim e a Orquestra Beethoven de Bona. Enquanto *Dudamel Fellow*, teve oportunidade de dirigir a Filarmónica de Los Angeles em diversas ocasiões, incluindo uma estreia mundial na série de concertos de música contemporânea *Green Umbrella*. Maestro Assistente da Nederlands Philharmonisch Orkest entre 2015 e 2017, regressou em julho de 2018 para um concerto no Concertgebouw. No mesmo verão participou numa *masterclass* com Daniele Gatti e a Orquestra do Real

Concertgebouw. Como maestro assistente, trabalhou com Bernard Haitink, Susanna Mälkki, Andris Nelsons, Christoph von Dohnányi e Gustavo Dudamel, entre outros. No domínio da ópera, Nuno Coelho dirigiu *La Traviata*, *Cavalleria Rusticana*, *Rusalka* e *Das Tagebuch der Anne Frank*. Foi ainda assistente de Marc Albrecht na produção de *Parsifal* para a Dutch National Opera. Em 2016 e 2017, como *Conducting Fellow* do Festival de Tanglewood, dirigiu vários concertos com a orquestra do festival, incluindo *Os Sete Pecados Mortais* de Kurt Weill. Nuno Coelho nasceu no Porto em 1989. Estudou violino em Klagenfurt e Bruxelas, e direção de orquestra em Zurique, com Johannes Schlaefli. Recebeu o 1.º Prémio no Concurso de Direção do Prémio Jovens Músicos da Antena 2, o *Neeme Järvi Prize* do Festival Menuhin de Gstaad e foi finalista no Concurso do Festival de Salzburgo para jovens maestros. Em 2014 foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e em 2015 foi aceite no *Dirigentenforum* do Centro Alemão para a Música, que mais tarde o nomeou para a sua lista *Conductors of Tomorrow*.

## Bertrand Chamayou

Piano



© MARCO BORGREVE

Bertrand Chamayou nasceu em Toulouse, cidade onde iniciou os seus estudos musicais. Recebeu um importante incentivo de Jean-François Heisser, pianista que viria a ser seu professor no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris. Completou a sua formação com Maria Curcio, em Londres. Com grande segurança, imaginação e consistência artística, domina um repertório extenso, sendo um convidado regular de prestigiosos palcos como o Théâtre des Champs-Élysées de Paris, o Lincoln Center de Nova Iorque, a Herkulessaal de Munique ou o Wigmore Hall de Londres. Apresenta-se também em importantes festivais como o *Mostly Mozart* de Nova Iorque ou os de Lucerna, Salzburgo, Edimburgo, Rheingau e Bona. Ao longo da presente temporada, estreia-se com a Sinfónica de Chicago e o maestro Herbert Blomstedt, a Filarmónica de Munique e Karina Canellakis, a Sinfónica de Gotemburgo e Elim Chan e a Filarmónica de Dresden e Louis Langrée. Colaborou com muitas das principais orquestras europeias, norte-americanas e asiáticas. Mais recentemente, estreou-se

com a Filarmónica de Nova Iorque, a Philharmonia Orchestra, a Sinfónica de Montreal, a Sinfónica de Pittsburgh a Orquestra do Festival de Budapeste, a Sinfónica de Bamberg, a Sinfónica de Atlanta e a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig. Para além dos maestros já mencionados, tocou sob a direção de Pierre Boulez, Leonard Slatkin, Neville Marriner, Semyon Bychkov, Michel Plasson, Stéphane Denève, Emmanuel Krivine e Andris Nelsons, entre outros. No domínio da música de câmara, colaborou com músicos como Renaud e Gautier Capuçon, Antoine Tamestit, Sol Gabetta ou o Quarteto Ébène. Em recital, destacam-se as suas atuações recentes no Lincoln Center e no Festival de Páscoa de Salzburgo. Além da Fundação Gulbenkian, na presente temporada apresenta-se em recital no Théâtre des Champs-Élysées, no Wigmore Hall, nas *Schubertiade Hohenems* e no Prinzregententheater de Munique, entre outros palcos na Europa. Bertrand Chamayou realizou várias gravações premiadas. É o único artista que recebeu quatro vezes o prestigiado galardão francês *Victoires de la Musique*.

# Orquestra Gulbenkian



Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

**Lorenzo Viotti** Maestro Titular  
**Giancarlo Guerrero** Maestro Convidado Principal  
**Leonardo García Alarcón** Maestro Associado  
**Nuno Coelho** Maestro Convidado

**PRIMEIROS VIOLINOS**  
 Maaria Leino *Concertino Principal\**  
 Francisco Lima Santos  
*1.º Concertino Auxiliar*  
 Bin Chao *2.º Concertino Auxiliar*  
 António José Miranda  
 Pedro Pacheco  
 Alla Javoronkova  
 David Wahnou  
 Ana Beatriz Manzanilla  
 Elena Ryabova  
 Maria Balbi  
 Otto Pereira  
 David Ascensão \*  
 Tomás Costa \*

**SEGUNDOS VIOLINOS**  
 Alexandra Mendes *1.º Solista*  
 Jordi Rodriguez *1.º Solista*  
 Anna Paliwoda *1.º Solista\**  
 Cecília Branco *2.º Solista*  
 Jorge Teixeira  
 Tera Shimizu  
 Stefan Schreiber  
 Maria José Laginha  
 Flávia Marques \*  
 Félix Duarte \*  
 Miguel Simões \*

**VIOLAS**  
 Samuel Barsegian *1.º Solista*  
 Lu Zheng *1.º Solista*  
 Leonor Braga Santos *2.º Solista*  
 Christopher Hooley  
 Maïa Kouznetsova  
 Leonor Fleming \*  
 Precilia Diamantino \*  
 Nuno Soares \*

**VIOLONCELOS**  
 Varoujan Bartikian *1.º Solista*  
 Marco Pereira *1.º Solista*

Martin Henneken *2.º Solista*  
 Levon Mouradian  
 Jeremy Lake  
 Raquel Reis  
 Jaime Polo \*

**CONTRABAIXOS**  
 Pedro Vares de Azevedo *1.º Solista*  
 Domingos Ribeiro *1.º Solista*  
 Manuel Rego *1.º Solista*  
 Marine Triolet *2.º Solista*  
 Maja Plüddemann  
 Vanessa Lima \*

**FLAUTAS**  
 Cristina Ánchel *1.º Solista*  
 Ana Filipa Lima *1.º Solista\**  
 Amália Tortajada *2.º Solista*

**OBOÉS**  
 Pedro Ribeiro *1.º Solista*  
 Nelson Alves *1.º Solista Auxiliar*  
 Alice Caplow-Sparks *2.º Solista*  
 Corne inglês

**CLARINETES**  
 Iva Barbosa *1.º Solista*  
 Telmo Costa *1.º Solista*  
 José María Mosqueda *2.º Solista*  
 Clarinete baixo  
 Rui Martins *2.º Solista\**

**FAGOTES**  
 Ricardo Ramos *1.º Solista*  
 Vera Dias *1.º Solista Auxiliar*  
 Raquel Saraiva *2.º Solista*  
 Roberto Erculiani *2.º Solista\**

**TROMPAS**  
 Gabriele Amarù *1.º Solista*  
 Kenneth Best *1.º Solista*  
 Eric Murphy *2.º Solista*

Darcy Edmundson-Andrade  
*2.º Solista*  
 Ana Beatriz Menezes *2.º Solista\**

**TROMPETES**  
 Adrian Martinez *1.º Solista*  
 Carlos Leite *1.º Solista\**  
 David Burt *2.º Solista*

**TROMBONES**  
 Sérgio Miñana *1.º Solista*  
 Rui Fernandes *2.º Solista*  
 Pedro Canhoto *2.º Solista*

**TUBA**  
 Amílcar Gameiro *1.º Solista*

**TIMBALES**  
 Rui Sul Gomes *1.º Solista*

**PERCUSSÃO**  
 Abel Cardoso *2.º Solista*

\* Instrumentista convidado

**COORDENAÇÃO**  
 António Lopes Gonçalves

**PRODUÇÃO**  
 Américo Martins  
 Marta Ferreira de Andrade  
 Raquel Serra  
 Guilherme Baptista  
 Fábio Cachão

31 out + 01 nov

# Mattutino de' Morti

 GULBENKIAN  
MÚSICA

Coro e Orquestra  
Gulbenkian

Perez  
J. S. Bach

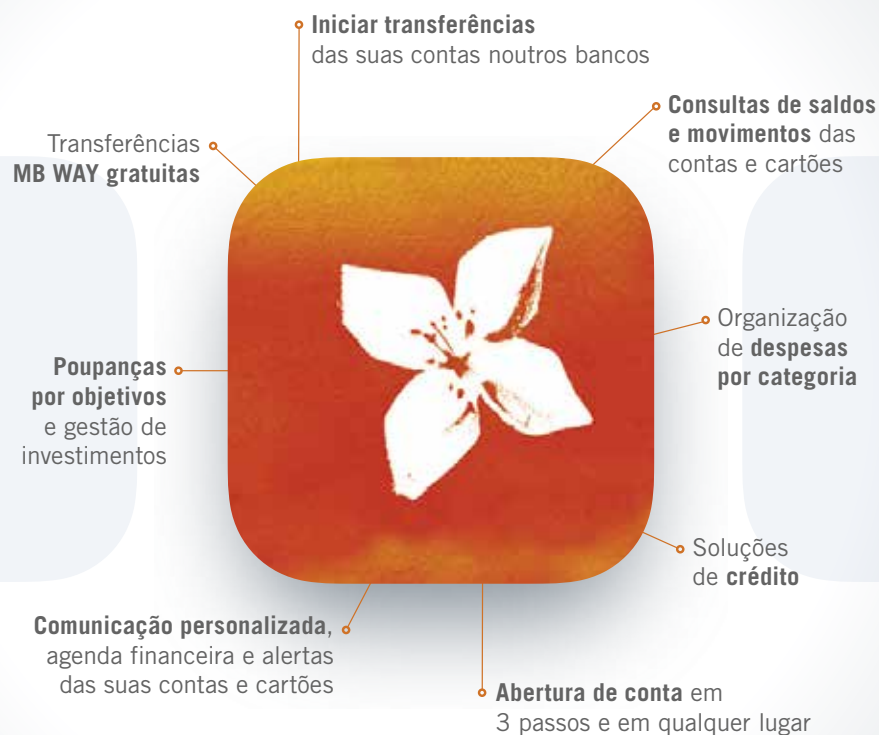
GULBENKIAN.PT

---



# Com a BPI App pode ver todas as suas contas. Mesmo noutros Bancos.

PROGRAMAS E ELENÇOS  
SUJEITOS A ALTERAÇÃO SEM AVISO PRÉVIO.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público. Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

*quase*  
**A BPI App tem tudo.**

A adesão à BPI App é gratuita. Adira já.  
Saiba mais em [bancobpi.pt](http://bancobpi.pt)



DIREÇÃO CRIATIVA  
Ian Anderson  
DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE  
The Designers Republic

TIRAGEM  
500 exemplares  
PREÇO  
2€

Lisboa, Setembro 2019



